

A PAZ É PERIGOSA*

W. E. B. Du Bois

A paz é perigosa; não para todas as pessoas, mas certamente para aqueles cujo poder e padrão de vida dependem da guerra. O perigo da guerra, para a maioria dos homens, é bastante óbvio: a matança e mutilação de jovens; a destruição de propriedades e a interferência na reprodução normal; a distorção de padrões culturais e o desencorajamento do esforço criativo. Quando percebemos que, desde 1914, pelo menos trinta milhões dos melhores espécimes da juventude do

* Este texto foi parcialmente apresentado como discurso em duas ocasiões. A primeira ocorreu em 28 de setembro de 1951, no Town Hall, em Nova Iorque, por ocasião de um encontro promovido pelo Conselho Nacional de Artes, Ciências e Profissões (*National Council of the Arts, Sciences and Professions*, abreviada como NCASP ou ASP), uma organização formada no final da década de 1940 por progressistas estadunidenses e, mais tarde, por partidários da campanha presidencial de Henry Wallace em 1948. Neste mesmo ano, Du Bois se desvincula da NAACP e aceita um convite para se juntar à ASP, envolvendo-se na organização da Conferência Cultural e Científica pela Paz Mundial (*Cultural and Scientific Conference for World Peace*), evento promovido pela organização no ano seguinte. É importante destacar que a *National Guardian*, editora responsável pela publicação do texto aqui traduzido, também era parte dessa organização e publicou, nos anos seguintes, um volume considerável de artigos e discursos de Du Bois acerca da paz. A segunda apresentação ocorreu em 11 de novembro do mesmo ano, na *Community Church of Boston*, em Boston, contando com uma versão ampliada do texto, adaptada para o Dia do Armistício, data que marca o fim simbólico da Primeira Guerra Mundial. Como um texto originalmente pensado para ser discursado, “A paz é perigosa” traz consigo uma série de marcas da oralidade: parágrafos curtos demarcam porções da exposição, repetições de palavras para efeito de reafirmação do argumento, e construções de frases que, por vezes, soam confusas se não lidas em voz alta, entre outros aspectos. Na medida do possível, e quando não custavam a compreensão da ideia, tentei manter essas características. Optei ainda por traduções mais literais, mesmo que isso levasse, vez ou outra, a frases aparentemente mal construídas em português; justifico a decisão como um esforço para preservar a escolha de palavras do autor. Eric Porter, *The problem of the future world: W. E. B. Du Bois and the race concept at midcentury*, North Carolina: Duke University Press, 2010; W. E. B. Du Bois, “Peace is Dangerous”, *National Guardian*, New York, 1951, 2. Tradução de Mateus Lisboa, doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia do IFCH - UNICAMP e integrante da linha de pesquisa “Hip Hop em Trânsito” do Centro de Estudos de Migrações Internacionais (CEMI - UNICAMP) - NT.

mundo foram mortos em guerras, e muitos outros milhões aleijados em corpo e alma, podemos ter uma ideia parcial da perda para a civilização moderna causada pela guerra.

Por que então a guerra persiste? Que interesses decisivos a promovem e a sustentam, apesar da irrecuperável perda por parte da maioria dos homens? Aqueles que ganham com a guerra e sofrem com a paz são facilmente discerníveis à primeira vista: Os fabricantes de munição e aqueles que fornecem material e maquinário de guerra. Não tão facilmente percebidos são aqueles que lucram com as mudanças financeiras que a guerra inevitavelmente traz consigo. Ainda mais ao fundo, estão investidores e trabalhadores cuja renda aumenta graças às indústrias de guerra.

Mesmo esses grandes e importantes grupos não explicam a popularidade da guerra ou, ao menos, a fraca resistência à histeria de guerra. Para explicar esse fenômeno, precisamos olhar mais profundamente para esse vasto número de americanos para os quais as condições atuais trazem conforto e satisfação. Essa massa de pessoas inteligentes sabe, ou teme, que, se o atual sistema de organização social e industrial prevalecente na Europa Ocidental e na América do Norte passar por alguma mudança essencial, ela pode não ser capaz de desfrutar do que considera o “modo de vida americano”. Esse padrão de vida não exige necessariamente luxo ou despesas conspícuas. Diz respeito a ter um lar confortável, roupas adequadas o bastante e comida suficientemente nutritiva; não necessariamente um automóvel, mas acesso a serviços de transporte convenientes, um telefone, assistência médica, férias, educação para os filhos e garantias para uma velhice digna.

É isso que o americano médio espera do “modo de vida americano”, ou quer poder esperar. Não é, com certeza, o que o americano médio obtém. Provavelmente, dois terços das famílias americanas não alcançam esse padrão, e metade destas sequer tem esperança de alcançá-lo, embora continue a ser seu ideal. Mas uma parte grande e influente da classe média americana, de fato, consegue essas coisas. Eles acreditam merecê-las e estão dispostos a lutar para mantê-las.

A questão básica agora é: deve esse modo de vida, real ou supostamente possível para uma grande minoria ou até mesmo para a maioria de americanos, ser defendido pela guerra, ou ele está seriamente ameaçado pela paz? O nosso receio hoje é, sem dúvidas, que a paz seja perigosa para esse modo de vida para um grande número de americanos, assim como para a esperança que a maioria de nossos cidadãos tem de ainda alcançá-lo.

Esse é o motivo pelo qual a enorme maioria da nação se apressa em direção a uma terceira e última guerra mundial. O tempo de todos os tempos,¹ portanto, para examinar essa tese e revelar a sua verdade ou falsidade, é agora.

Causas da pobreza: O assunto proibido

Em primeiro lugar, alguns americanos estão convencidos de que o nosso sistema industrial é tão bom que a mera existência de qualquer outro sistema é uma ameaça. A maioria das pessoas inteligentes não vai tão longe. Elas reconhecem as deficiências de nossa economia, mas continuam a pensar que ela é a melhor. No entanto, estão bastante dispostas a que outros tentem outros caminhos; mas receiam que outros modelos, considerados inferiores e impraticáveis, sejam experimentados em populações que não os queiram. É a suposta expansão forçada do comunismo que hoje atemoriza a maioria dos americanos a ponto de levá-los à guerra.

Mas será verdade que a expansão do comunismo está ameaçando nosso modo de vida?² Ou, ao contrário, é a manutenção de nossos métodos

1 Embora a frase original (*The time of all times*) tenha sido utilizada em sentido conotativo, para enfatizar o caráter decisivo do momento, e tenha uso pouco comum na língua portuguesa, optamos por traduzi-la literalmente para manter a, possivelmente intencional, associação ao cristianismo, que utiliza esta mesma frase ou similares para descrever o “fim dos tempos”, o “juízo final” por assim dizer - NT.

2 Entre 1945 e 1953, os Estados Unidos foram governados por Harry S. Truman, responsável pela organização de um conjunto de práticas de Estado nomeadas como “Doutrina Truman” que visavam, em linhas gerais, a proteção do mundo capitalista, a contenção do avanço socialista e o asseguramento dos interesses estadunidenses diante do crescimento das lutas anticoloniais que se aproveitavam do enfraquecimento

industriais que está ameaçando manter a massa da população mundial não só abaixo de nosso próprio padrão de vida, mas até mesmo abaixo do padrão de decência ordinária e mera sobrevivência? É esse aspecto da guerra mundial que a América se recusa a discutir hoje e que, na verdade, muitas vezes não se permite discutir.

A maioria de nós, devido à educação e à falta de informação, acredita firmemente que a pobreza e a angústia da maioria dos seres humanos são principalmente de sua própria culpa e talvez nunca possam ser totalmente aliviadas. Estamos dispostos a fazer algo em algum vago “Ponto Quatro”,³ desde que os fundos para isso sejam provenientes da tributação pública e não de lucros privados. Mas dizemos que mesmo nossa grande riqueza não é capaz de sustentar o mundo. Quando duas explicações são dadas para isso, não tentamos respondê-las. A primeira explicação é de que, há alguns séculos, a aristocracia do mundo acreditava que um padrão de vida como o que os trabalhadores americanos têm hoje

dos impérios europeus após a Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos tanto forneciam suporte material e financeiro a determinados países quanto fomentavam a sustentação ideológica de sua dominação – como no caso do Plano Marshall. É neste contexto que surge o fenômeno “macartista”, caracterizado pela perseguição aos comunistas e aos acusados de os serem, algo particularmente sensível para Du Bois, acusado, em 1951, de ser um “agente estrangeiro não registrado”, graças a suas ações no Centro de Informação pela Paz [*Peace Information Center*], organização fundada em 1950 que chegou a presidir. Henry Louis Gates Jr. e Terri Hume Oliver, “William Edward Burghardt Du Bois: A Chronology” in W.E.B. Du Bois, *An Essay Toward an Autobiography of a Race Concept* (New York: Oxford University Press, 2007), pp. 171-177. - NT.

- 3 O autor se refere a um conjunto de estratégias políticas, anunciadas por Truman em 1948, voltadas aos denominados (pelo próprio Truman) países subdesenvolvidos (*underdeveloped*) no que foi, talvez, o primeiro uso do termo. Essas estratégias ficaram conhecidas como “Programa Ponto Quatro” e tinham como proposta a promoção do desenvolvimento industrial e tecnológico nesses países através dos conhecimentos e suporte estadunidenses. Para além disso, como analisa Barros, buscavam conter o comunismo e propagar o estilo de vida americano assegurando tanto o aparelhamento ideológico dos EUA quanto seu favorecimento econômico e de seus empreendimentos. Antônio Pedro Tota, “Um Plano Marshall para os pobres ou os caminhos da modernização brasileira”, *Revista USP*, n. 115 (2017), pp. 69-76. [🔗](#); Arthur Victor Gonçalves G. de Barros, “‘A pobreza como estopim da revolução’: a Aliança para o Progresso em Pernambuco (1959-1964)”, Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017, [🔗](#); Henry Louis Gates Jr. e Terri Hume Oliver, “William Edward Burghardt Du Bois”. - NT.

não poderia ser alcançado em nenhum Estado sem a ruína de sua cultura. Fui instruído no *high school*,⁴ no final do século passado, que os sindicatos eram fúteis, as greves eram erradas, e o aumento de salários levaria principalmente para o desperdício e a embriaguez. A segunda explicação, quanto à pobreza inevitável para a maioria dos homens, é que o sistema colonial ajudou a causar essa pobreza, que esse sistema está agora desaparecendo e que a pobreza e angústia remanescentes não são nossa culpa, ao contrário do que a Rússia falsamente faz parecer.

Aqui emerge o cerne da falsidade que está levando a América, por temor, à guerra. O colonialismo não desapareceu, mesmo que sua espinha dorsal esteja quebrada na Índia e na China.⁵ Os negócios americanos, entretanto, estão tentando desesperadamente manter e restaurar, onde possível, a essência do colonialismo sob o nome de Livre Iniciativa e Democracia Ocidental, mergulhando o mundo em destruição com falsos ideais e medos enganosos.

Essa é uma acusação grave e necessita, estou bem ciente, de prova circunstancial. Deixe-me indicar a prova deste modo: existem hoje pelo menos dezoito causas principais da Guerra Mundial, e nenhuma delas é a Rússia. Pelo contrário, essas causas estão relacionadas aos grandes grupos de matérias-primas essenciais, além da terra e da mão-de-obra necessárias para sua produção, que as nações líderes do mundo precisam para sua indústria e seu padrão de vida. Esses produtos incluem o ouro e diamante da África do Sul; o cobre da Rodésia;⁶ o urânio do Congo; o petróleo do Oriente Médio; o estanho e a borracha da Maláia;⁷ bebidas como o chá

4 De certo modo, é o equivalente ao nosso Ensino Médio e, embora tenha suas particularidades, representa os anos finais da escolarização formal - NT.

5 Du Bois provavelmente se refere aos contextos que culminaram na independência indiana, ocorrida em 1947, e na Revolução Chinesa, em 1949 - NT.

6 Rodésia era a forma mais comum de referir-se à Rodésia do Sul (como oficialmente era nomeado o atual Zimbábue). Entretanto, muito provavelmente, Du Bois refere-se à região da Rodésia, porção interiorana da África meridional (e parte dos territórios coloniais britânicos, naquele momento) que, para além da parte ao sul, contava ainda com a Rodésia do Norte (atual Zâmbia) - NT.

7 Embora a referência original [*Malaya*] não seja suficientemente clara, possivelmente trata-se da Malásia britânica, à época dividida entre protetorados e colônias

da China, o café do Brasil e o cacau da África Ocidental; drogas como o ópio e o quinino da Índia; alimentos como açúcar, chocolate, coco, frutas e especiarias de todo o mundo tropical; fibras como algodão, seda e cânhamo do nosso próprio Sul, da China e da Índia; e dezenas de outras drogas, tinturas e alimentos.

Esses materiais, salvo raras exceções, são produzidos em terras tropicais habitadas por pessoas de cor cuja pobreza e ignorância não são naturais nem inatas, mas foram agravadas e ampliadas durante os últimos três séculos pela determinação da Europa e da América do Norte em governar o mundo para seu próprio conforto, luxo e poder.

Armado por descobertas científicas e novas técnicas industriais, o mundo branco, desde o século XVII, propôs-se a reduzir a mão-de-obra de cor à servidão ou à escravidão, a confiscar a terra e os recursos naturais de países coloniais ou quase-coloniais e, na medida do possível, a governar essas pessoas por meio de uma ditadura militar absoluta, permitindo-lhes pouca educação, nenhuma terra e muito pouca renda para a saúde ou a decência. A Espanha, seguida pela França e Holanda, e sucedida pela Grã-Bretanha, construiu uma dominação do mundo que se tornou a fundação da civilização moderna. Riqueza, luxo, arte e aprendizado foram desse modo sustentados no mundo ocidental até que sua realização cultural passasse a ser considerada o mais alto ideal do universo: “Melhor cinquenta anos de Europa do que um ciclo em Catai!”⁸

A lógica nos ensinou que, eventualmente, a revolta das miseráveis vítimas dessa tirania mundial causaria sua extinção. A revolta chegou cedo e ainda continua. Mas, muito antes que o poder colonial dividido e ignorante pudesse assaltar os baluartes do Ocidente, esses mesmos baluartes caíram por sua própria presunção e sobrepeso. Os ladrões imperiais se enfrentaram pela divisão dos fabulosos espólios da Ásia, África e América do

da península malaia que incluíam territórios (ou parte) das atuais Malásia, Mianmar, Singapura e Tailândia - NT.

8 Do original: *Better fifty years of Europe than a cycle in Cathay*, parte do poema *Locksley Hall*, do poeta inglês Alfred Tennyson (1809-1892) - NT.

Sul, e a Europa se aproximou do suicídio em três guerras mundiais, cada uma com um aumento de custo, destruição e assassinato humano.

Os ricos disputam entre si; os pobres sentem seu poder

A fenda do imperialismo começou quando a Alemanha e a Itália, depois o Japão e, finalmente, os Estados Unidos, exigiram uma parte maior dos espólios do controle imperial sobre o mundo de cor. Eles insistiram em uma redistribuição de riqueza e poder. A Guerra Mundial que se seguiu efetivou tal redistribuição, mas também enfraqueceu o intrincado sistema de controle comercial que havia colocado o poder real dos grandes Estados modernos nas mãos daqueles que controlavam a riqueza – não simplesmente a riqueza nacional, mas também os materiais mais valiosos de toda a terra.

O poder dos ricos, no final do século XVIII e início do século XIX, foi reduzido pelo controle democrático nas mãos da massa dos habitantes; mas esse controle era limitado em casa e de nada valia naquelas partes da Ásia, África e América nas quais a indústria organizada dos Estados imperiais dominava. Tanto a organização nacional quanto a internacional da indústria e do comércio eram não somente antidemocráticas, como frequentemente oligárquicas, quando não próximas de uma monarquia absoluta. O sistema colocou tão grande poder nas mãos daqueles que controlavam a indústria doméstica que eles puderam reduzir a democracia nacional ao regime da riqueza; ou, no máximo, fizeram da mão-de-obra doméstica uma parceira minoritária da indústria no empobrecimento, adoecimento e ignorância compulsória da maioria da população da Terra.

A primeira Guerra Mundial abalou esse sistema em suas fundações, não apenas pelo seu custo, mas porque ela deixou muitos dos povos de cor preenchidos pelo desejo feroz de escapar da coerção da Europa. Na Europa Oriental, que, sob a liderança da Europa Ocidental, afundou para um status

quase colonial, o resultado foi uma revolução que colocou os socialistas no controle da Rússia.

O socialismo era uma teoria antiga, mas indefinida e não-sistemática, de atenuação do monopólio da riqueza e do controle oligárquico da indústria através da substituição do lucro privado pelo bem-estar público. Os grandes, mas pouco práticos, teóricos que advogaram por tal mudança, desde a primeira ascensão da indústria moderna no século XV, raramente haviam conseguido chegar a um acordo quanto a um programa definido e as poucas tentativas de socialismo foram, em geral, fracassadas ou facilmente suprimidas.

No caso da Revolução Russa de 1917, no entanto, surgiu um grupo de líderes instruídos e dedicados, determinados a levar a cabo as teorias de Karl Marx. Marx, através de um longo e profundo estudo da filosofia hegeliana da ciência e por meio de um amplo conhecimento das condições reais de trabalho, tentou encontrar uma fundamentação científica para a produção e distribuição da riqueza. Lenin e seus seguidores russos não eram inteiramente dogmáticos. Eles duvidaram que o momento fosse propício ou que os russos estivessem imediatamente preparados para fundar um Estado socialista e buscaram construir acordos e alianças com a economia da Europa Ocidental. Mas Inglaterra, Japão, França e Estados Unidos cometeram o erro de tentar, sumariamente e através da força, suprimir esta revolução, usando os exércitos de dezesseis nações, juntamente a espíões, traidores e os piores tipos de mercenários contratados.

Sem dúvida, esse amplo esforço para deter a Revolução de 1917 teria sido bem-sucedido por algum tempo se não tivesse sido tão drasticamente abalado em 1929 e após. A Europa, os Estados Unidos e o Japão precisavam dispor de todas as suas energias para restaurar sua própria solvabilidade e reconstruir o comércio internacional. Mas, mesmo assim, a Grã-Bretanha e a França estavam determinadas a dominar a indústria e o comércio mundiais como o faziam antes da Primeira Guerra Mundial. Estavam dispostas a admitir os Estados Unidos e a Alemanha como parceiros menores, mas determinadas a ignorar a Itália e a excluir firmemente o Japão.

Esse esforço míope levou a três desenvolvimentos que mudaram o curso da história moderna. Deu à União Soviética tempo para construir um Estado socialista independente; encorajou o Japão a empreender seu próprio império colonial na Ásia; e a Itália e a Alemanha, acompanhadas mais tarde pelo Japão, tentaram restaurar o domínio Europeu sobre a mão-de-obra, a terra e os produtos nas áreas coloniais e semicoloniais do mundo, mas com uma mudança revolucionária: agora, seriam a França e os Estados Unidos os parceiros menores e a Alemanha estava pronta para governar o mundo com o apoio da Itália e do Japão. Seguiram-se longas tentativas de acordo – sem tocar no controle do mundo pela Europa, mas apenas em relação à divisão do poder entre os impérios mais antigos e os intrusos mais novos. Ambos os lados concordaram tacitamente que a destruição da Rússia e do comunismo deveria suceder suas negociações.

Mas a Europa Ocidental e Central não conseguiram encontrar uma base de concordância, e seguiu-se uma segunda Guerra Mundial, que foi, no fundo, causada pela rivalidade entre os grandes grupos pelo controle dos produtos coloniais que mencionei.

Essa guerra não só acabou com o sistema industrial mundial, mas, curiosamente, também obrigou a Grã-Bretanha e a América a fazerem uma aliança com a União Soviética como o único método de superar a quase invencível Alemanha, a Itália e o Japão. Esses países hesitaram por muito tempo e esperaram até o fim que a Alemanha e a União Soviética se aniquilassem mutuamente, enquanto a Europa Oriental e a América estavam contendo ou atrasando seu apoio aos exércitos russos duramente pressionados.

A Alemanha e o Japão foram, por fim, completamente derrotados, mas o que restou foram as mesmas causas da Guerra Mundial que antecederam 1914: nomeadamente, aqueles valiosos e indispensáveis materiais das regiões coloniais, juntamente à mão-de-obra barata necessária para produzi-los, que deveriam ser tomados e utilizados para a indústria e o consumo doméstico caso a organização da indústria e o controle da riqueza anteriores a guerra quisessem continuar. Que devessem continuar, nenhum britânico ou americano, por um momento sequer, tinha dúvidas.

E.U.A. – Última fortaleza do colonialismo

Considere por um momento nosso próprio país e seu interesse em produtos provenientes de regiões coloniais ou semi-coloniais.

Em 1930, importamos pelo menos o equivalente a dois bilhões de dólares em diamantes, seda, café, óleo mineral, borracha, papel, cobre, fibras, açúcar, especiarias, óleos vegetais e cacau. Todos esses são materiais sobre os quais não apenas nossa própria indústria, mas também nosso padrão de vida atual se baseia. Dificilmente poderíamos passar um só dia sem o suprimento abundante deles. Além disso, compramos esses produtos baratos. Não pagamos praticamente nada pela terra onde são cultivados ou extraídos; pagamos ao trabalhador de cor entre vinte e cinco centavos e um dólar por dia e o fazemos trabalhar. Por outro lado, os bens que exportamos para pagar por esses produtos coloniais baratos são cotados à nossa própria valoração porque controlamos o monopólio dos únicos mercados onde os colonos podem comprar maquinário, ferramentas e bens manufaturados. Nós até mesmo impedimos que colonos supram suas próprias necessidades e os fazemos trabalhar para nós.

Esse comércio colonial é uma fonte de vasto lucro para as empresas privadas, pois até mesmo o investimento de capital necessário para a vida colonial muitas vezes vem dos impostos pagos pelos cidadãos no país natal, enquanto as empresas privadas colhem os lucros. Dessa forma, os contribuintes britânicos financiaram a construção do grande porto Africano Ocidental de Takoradi, enquanto os transportadores privados o utilizam. A Marinha dos Estados Unidos construiu o porto de Monróvia, na Libéria, a partir de dinheiro proveniente de nossos impostos, enquanto a Firestone Company o utiliza para dividendos consideráveis.

Ademais, esse comércio externo com os países coloniais é muito mais lucrativo do que a indústria nacional. Nas colônias, há poucos ou nenhum sindicato de trabalhadores; a tributação sobre as corporações estrangeiras é mínima; não há pisos salariais ou proibição do trabalho infantil; os custos de frete são estabelecidos pelas empresas estrangeiras

que monopolizam o transporte e podem fazer ou quebrar uma indústria local. O capital se apressa para fazer tal investimento se for assegurado de que não haverá perigo de presunção de que nativos tentem controlar o capital estrangeiro. E foi exatamente isso que passou a acontecer após a Segunda Guerra Mundial. Não apenas a Rússia, cujas indústrias frequentemente pagavam cinquenta por cento do investimento aos alemães, franceses e britânicos, estava perdida para os negócios ocidentais, como também a Polônia, a Tchecoslováquia e grande parte da região dos Bálcãs.

Vastas regiões coloniais começaram a romper com o domínio Europeu. A Grã-Bretanha precisou emancipar a Índia, mas, antes de partir, encorajou um ressurgimento do ódio religioso e fez uma rápida aliança com os capitalistas nativos, que continuaram a explorar os pobres. Os Estados Unidos entraram na China como um amigo bem-vindo, mas estávamos mais interessados em chá, seda, fibras, tungstênio, óleos e algodão do que em pessoas. Assim, os miseráveis chineses, durante dez horríveis anos, contorceram-se em pobreza, guerra e miséria carregando sozinhos o fardo mundial do imperialismo japonês até que, em um poderoso ímpeto, arrancaram as armas americanas das mãos do patife Chiang Kai-shek⁹ e conduziram seu traje imundo para Formosa, onde nossos impostos ainda o sustentam. A Indonésia começou a romper os laços do controle holandês e britânico; o Sudeste Asiático revoltou-se ferozmente contra seus senhores britânicos e franceses. Houve sinais de revolta na África, nos Mares do Sul, nas Filipinas, no Caribe e nas Américas do Sul e Central. Toda a

9 Chiang Kai-shek (1887 – 1975) foi um militar e político chinês que liderou o Partido Nacional do Povo (Guomindang), de caráter nacionalista, durante a conjuntura de derrocada da monarquia chinesa. Embora tenha se aliado inclusive aos comunistas, à certa altura, tornou-se infame por sua repressão aos mesmos em diversas ocasiões, muitas delas com auxílio estadunidense – o caso mais famoso é o do Massacre de Xangai ocorrido em 1927. Ao fim da década de 1940, diante das sucessivas vitórias comunistas e do crescimento de seu apoio popular, Chiang Kai-shek fuge (com suporte dos EUA), juntamente a uma parcela do desorganizado exército de Guomindang, para a ilha de Taiwan (conhecida também como Formosa), naquele momento, território fora da jurisdição da recém proclamada República Popular da China (para uma análise aprofundada da complexa conjuntura do período Wladimir Pomar, *A Revolução Chinesa*, São Paulo: Editora Unesp, 2003) - NT.

Europa Ocidental inclinou-se para o controle da riqueza por meio de processo democrático.

Foi a partir desse ponto que a propaganda mundial, liderada pelos Estados Unidos, em uma escala que envergonharia Hitler, começou a fazer os homens acreditarem que o socialismo, liderado por um novo imperialismo russo, estava iniciando uma terceira guerra mundial, e que a América deveria refrear o movimento por meio de força ilimitada. De fato, o que realmente estava começando era a desesperada tentativa americana de reviver o imperialismo colonial, com os Estados Unidos no controle, em vez da Grã-Bretanha.

Casacos de vison ou o bem-estar da humanidade – qual?

Os Estados Unidos intensificaram sua propaganda de descrença no comunismo como um sistema viável por meio de um amargo ataque à decência e à humanidade do povo russo e pela ênfase na completa desonestidade de seus líderes. Toda acusação contra os soviéticos, não importa o quão insustentável ou questionável, recebeu a mais ampla publicidade, e nosso governo abertamente encorajou e apoiou organizações subversivas formadas em nosso próprio solo por inimigos da Rússia. Acabamos de doar cem milhões de dólares para encorajar essa traição contra uma nação com a qual, por enquanto, não estamos em guerra aberta. O resultado é a histeria e o ódio aos soviéticos que praticamente inviabilizam a razão.

As verdadeiras causas da Guerra Mundial persistirão e ameaçarão enquanto os povos da Europa e da América estiverem determinados a controlar a riqueza da maior parte do mundo por meio de mão-de-obra barata e monopólios. Contra isso, um ressurgimento da revolta dos pobres levantará dos mortos uma nova Rússia, se matarmos esta, e dará origem a uma nova teoria do comunismo contanto que a África, a Ásia e a América do Sul enxerguem a impossibilidade de escapar da pobreza, da ignorância e da doença de outra maneira.

Isso traz a questão da guerra diretamente de volta para casa. Se os Estados Unidos pararem de tentar possuir mão-de-obra barata de cor, de controlar a terra e as matérias-primas ao redor do mundo; para regular a troca de bens e serviços de modo que enquanto o cacau e o açúcar exigem os preços mais altos em nosso mercado, os peões que os cultivam não tenham o suficiente para comer; se pararmos a política de guerra que estamos buscando para a continuidade desse sistema, seria a Paz Mundial resultante perigosa para o modo de vida americano? Coloquemos isso de maneira ainda mais franca: suponha que se prove ser verdade que, se tivéssemos menos automóveis, menos boates e menos casacos de vison – se essa abnegação por parte de certos americanos evitasse a Guerra Mundial e desse às crianças chinesas o suficiente para comer, estaríamos dispostos a fazer o sacrifício?

Eu costumava dizer, enquanto professor de jovens: “Dizem a vocês, faça o certo e será feliz; tenha coragem e vencerá; sacrifique-se e será rico. Agora, é gloriosamente verdade que muitos homens fizeram o bem e são felizes, muitos heróis corajosos venceram a boa luta e muitos que se sacrificaram ganharam mais do que uma fortuna. Mas...”, eu acrescentaria, “encaremos também a amarga verdade – muitos que defenderam o certo foram arruinados; muitos que batalharam bravamente foram derrotados; e muitos que sacrificaram seu último tostão morreram na pobreza. O que temos que aprender é a fazer o certo ainda que não alcancemos a felicidade; sermos corajosos diante da derrota e sacrificar-nos mesmo que não colhamos nenhuma recompensa”. Meus alunos costumavam parecer um pouco desconfiados dessa doutrina e muitos de vocês podem querer negar ou ignorar o que sabem ser verdade.

Agora, vamos aplicar este raciocínio ao que chamamos de “modo de vida americano”. A maioria dos americanos não desfruta desse modo de vida. Como já disse, provavelmente dois terços das famílias americanas estão abaixo deste padrão de conforto, e nove décimos das pessoas do mundo ficariam felizes com um décimo de nossos padrões. O que vamos fazer – lutar para preservar os presentes métodos da indústria mundial ou fazer a Paz a fim de considerar o que é certo e melhor para a humanidade?

O grande silêncio na alma da América pode ser quebrado

Sejamos humildes, não arrogantes ou presunçosos, nesta terrível crise.

Quem somos nós para conduzir este mundo em direção à Paz e à Justiça? Nós, cuja nação é atingida pelo crime, pela corrupção e pela violência que está levando americanos decentes à prisão, à pobreza e ao suicídio; nós, cuja inquisição “não-americana” contra a liberdade de expressão e de pensamento foi recentemente encabeçada por um ladrão condenado e que agora é presidida por um estadista da Geórgia que ocupa o cargo pelos trinta mil votos conquistados em seu distrito congressional, com cento e cinquenta mil de seus vizinhos Negros privados de direitos? Nós não apenas revogamos nossa própria Declaração de Direitos nas ruas e no Tribunal, como enviamos nossas armas e exércitos para ajudar a derrubar qualquer pessoa na terra que hoje luta para ser livre, e chamamos ao nosso auxílio as tiranias reacionárias da Espanha, Turquia e Grécia. Nosso esforço para controlar o mundo pela força das armas é tão fantástico quanto maligno. Nosso último plano desesperado de restaurar o imperialismo colonial com a ajuda da Alemanha e do Japão é o mais louco sonho de uma louca Era.

Nós, que conhecemos uma América melhor, achamos o cenário atual quase inacreditável. Um grande silêncio caiu sobre a verdadeira alma da nação. Estamos difamando cidadãos leais com o testemunho prestado por mentirosos confessos, traidores e espiões. Estamos fazendo da voz da América o balbuciar de covardes pagos para viajar.

Enquanto isso, nossa nação se contorce em um medo sem nome, nossos trabalhadores lamentam sob o aumento de preços e crescentes impostos, nossa educação atrasa. Chamamos o trabalho disciplinado de “escravidão” e gritamos “Liberdade” para os anarquistas industriais. Nossos crimes crescem: jogos de azar, bebidas alcoólicas e drogas se propagam. Nossa democracia morre enquanto nossa polícia, incapaz de aprisionar assassinos e ladrões, prende, algema e encarcera homens e mulheres cujo único crime é exigir Paz.

Minhas palavras não são expressão de desesperança ou resignação. Em vez disso, são um chamado à nova coragem e determinação para conhecer a Verdade. Quatro vezes esta nação enfrentou o desastre e se recuperou: uma vez, no final do século XVIII, quando hesitamos entre colônias independentes separadas e um estado federal disciplinado; novamente, quando, na era de Jackson, o Ocidente, rude e democrático, dominou o Oriente, oligárquico e bem-educado; uma vez mais no século XIX, quando a escravidão humana cortou o coração da nação em dois e tivemos de cimentá-lo com sangue; e, finalmente, quando em 1929 nossas ostensivas indústrias caíram em grande ruína e imploraram de joelhos por ajuda do governo, até que Roosevelt as resgatou com planejamento socialista e deu sua vida para reconstruir nossa economia.

O que fizemos, podemos fazer novamente. Mas não através do silêncio – não pela recusa de enfrentar os terríveis fatos.

doi: 10.9771/aa.v0i69.63489